



GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais – Trabalho 789

## O PROCESSO EDUCATIVO DO MOVIMENTO SOCIAL ENCRESPA GERAL PARA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Maria da Conceição dos Reis - UFPE

Ellis Cristine Oliveira Alves- UFPE

Auxiliadora Maria Martins da Silva - UFPE

### Resumo

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que discutiu a influência do processo educativo de um movimento social para afirmação da identidade negra. A questão central desse estudo buscou responder como se dá o processo educativo dentro do movimento social Encrespa Geral para a afirmação da identidade negra. O trabalho objetivou compreender o processo educativo desse movimento social para afirmação da identidade de mulheres negras. As categorias teóricas, processo educativo, identidade e identidade negra, ajudaram a fundamentar a pesquisa que foi desenvolvida através de uma pesquisa qualitativa autobiográfica com integrantes do Encrespa Geral, cuja estratégia de coleta de dados foi a entrevista autobiográfica. Os resultados revelam que o referido movimento influencia na afirmação da identidade negra de suas participantes através da informação em nível pedagógico dos encontros, bem como a socialização das experiências que resignificam suas histórias e favorece o empoderamento de suas integrantes.

**Palavras-chave:** Processo Educativo; Movimento Social; Identidade Negra; Cabelo; Encrespa Geral.

### Introdução

A população negra possui uma trajetória de exclusão no campo social, político e educativo. Esta situação se alastra para outras esferas da sociedade e segue tomando evidência nas questões relacionadas à estética. Reflexões sobre invisibilidade nos mais variados espaços sociais e as dificuldades das mulheres negras para assumir seu cabelo crespo/cacheado mediante a dúvida de uma boa aceitação de maneira geral foram fundamentais para causar a inquietação que deu origem à pesquisa intitulada: “O processo educativo do movimento social Encrespa Geral para afirmação da identidade negra”.

A referida pesquisa teve como objeto de estudo o movimento social Encrespa

Geral que trabalha com a questão da estética e da afirmação da identidade negra através da aceitação do cabelo crespo/cacheado se utilizando do processo educativo não-formal.

Gadotti (2015, p.3) fala sobre informalidade da educação quando diz que as novas tecnologias da informação vêm criando novos espaços do conhecimento. “Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornam-se educativos.”

Sobre a questão da informalidade na educação, podemos constatar que o movimento social Encrespa Geral tem uma intenção clara, no sentido de, através de sua proposta de trabalho, agrupar pessoas com esse mesmo propósito em um cenário diferenciado uma vez que os processos educacionais que são praticados estão longe do espaço da sala de aula, ocorrendo, portanto através da educação não-formal, sendo necessário compreender a importância do processo educativo em si, mas também o que faz dele relevante.

Gomes (2008) quando fala sobre a construção da identidade negra através do corpo e cabelo faz uma observação relevante para essa discussão: “Nenhuma identidade é construída no isolamento.” Em um país onde há um padrão de beleza imposto, a intervenção no cabelo e no corpo para o negro não é mais uma questão apenas de vaidade.

Neste sentido, o cabelo tem uma representatividade ampla e visível que evidencia o pertencimento étnico-racial imprimindo a marca do “ser negro” no corpo e se mostra um elemento substancialmente importante no processo de construção identitária.

E entendendo melhor a relação do cabelo com as questões dos movimentos sociais que trabalham na base do empoderamento<sup>1</sup>, Velho (2004) mostra a importância de projetos sociais que viabilizam o pensamento político quando o mesmo se propõe a dar sentido e emoção aos sentimentos individuais.

A partir de observações cotidianas de mulheres crespas/cacheadas no auge de sua transição capilar, surge comumente à curiosidade sobre o processo educativo que o movimento social Encrespa Geral desenvolve na tentativa de dar base para uma tomada de conscientização dos participantes sobre as questões relacionadas à identidade negra.

As inquietações nos levaram a elaborar as seguintes questões para a investigação: Como se dá o processo educativo dentro do movimento social Encrespa Geral para a

---

<sup>1</sup>Tem-se por empoderamento no sentido de promoção de uma melhoria de vida através de uma maior autonomia dos sujeitos, aos quais se destinam a ação.

afirmação da identidade negra? Que histórias marcam as mulheres negras na relação com seus cabelos? Como o “Encrespa Geral” influencia na afirmação da identidade negra de suas integrantes?

O objetivo geral da pesquisa foi: Compreender o processo educativo do movimento social Encrespa Geral para a afirmação da identidade de mulheres negras. Enquanto objetivos específicos foram elencados: Descrever como se dá o processo educativo do movimento social Encrespa Geral; Identificar as histórias marcadas pela relação com os cabelos das mulheres negras; Identificar como o “Encrespa Geral” influencia na afirmação da identidade negra de suas integrantes.

De forma a atender de maneira significativa a inquietação proposta pela pesquisa foi preciso se debruçar em estudos que abordam a temática dos movimentos sociais, dos processos educativos na educação não-formal e da estética em seu sentido mais específico, voltando-se para uma ancestralidade africana e afrodescendente visível e questionada através do cabelo crespo/cacheado.

Os resultados apontam que o Encrespa Geral influencia na afirmação da identidade negra de suas participantes através de suas práticas coletivas de socialização de experiências e informações, em nível pedagógico, sobre seus cabelos e sua história de negação em busca de fortalecimento e resignificação de suas histórias para o empoderamento de suas integrantes.

### **Categorias que fundamentam a pesquisa**

Para compreensão dos achados que a pesquisa se propôs a encontrar, é relevante conhecer, em linhas gerais, as categorias teóricas que fundamentaram a pesquisa. Para isto apresentamos o entendimento sobre o caráter educativo dos movimentos sociais e conceito emblemático como identidade negra.

#### O caráter educativo dos movimentos sociais

A melhor maneira para compreender de que forma os movimentos sociais são constituídos, é através das personalidades individuais de quem está inserido e conceber seu caráter educativo, neste sentido, entender as dimensões subjetivas, necessariamente nos leva a passar por processos educativos.

É possível encontrar algumas considerações a respeito do caráter educativo dos

movimentos sociais. Delari Jr. (2000) compreende a educação em um ato educativo com sentido antropológico geral, o autor faz menção a um conceito de educação assumido no interior desta abordagem:

Por educação não estamos entendendo apenas a escolarização [...]. Pode-se conceber a educação como algo propriamente humano, porque só os seres humanos se educam, só os seres humanos constituem sua própria existência a partir de processos de significação pelos quais passam a ser inseridos num determinado universo histórico e cultural. Então, pela linguagem vamos aprendendo a ser o que somos na relação com os grupos culturais nos quais somos inscritos desde que nascemos. Ora a educação ganha um caráter antropológico mais amplo, pois é tratada essencialmente como relação social mediada pela linguagem, relação pela qual cada um, mediante o confronto com um outro, pode recriar em si aquilo que toda a sua sociedade criou ao longo da história de suas lutas, alianças, derrotas e conquistas (DELARI JR., 2000, p. 72).

Esta visão aproxima para uma concepção ampliada de educação na construção da constituição social. É possível compreender então que o que realmente educa nos movimentos sociais são suas práticas culturais sendo planejadas ou não.

Sobre esta questão, Gohn (2010) também trata da educação nos movimentos sociais de maneira ampla e faz uma importante contextualização entre educação formal e não-formal, além de diferenciar o que endossa o campo do “processo pedagógico” e o que é de responsabilidade da educação.

Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico (p. 17).

Uma vez que a educação não está apenas vinculada a um caráter pedagógico, é possível e preciso visualizar as dimensões educativas as ações que se constroem para além das práticas formais próprias das escolas, fazendo ser possível pensar no sentido mais educativo dos movimentos sociais. No sentido de, a partir das práticas educativas haver uma libertação dos sujeitos, envolvidos na ação seja de forma direta ou de forma indireta (FREIRE, 2005).

No caso do Encrespa Geral, a organização tem uma preocupação com o aspecto educativo e com o aprimoramento das bases históricas e sociais para ajudar na afirmação da identidade dos participantes através da valorização do cabelo natural como forma de autoconhecimento, respeitando e celebrando a diversidade racial no Brasil.

Fazendo uma observação sobre a dimensão social e construção da cidadania

através dos estudos de Gohn (2010) foi possível ainda compreender melhor as questões da subjetividade e perceber que os movimentos sociais educam e também são educativos uma vez que o processo em questão não é construído através da exigência ou com módulos pré-estabelecidos aplicados mecanicamente, pois:

O exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro. Experiências vivenciadas no passado, como opressão, negação de direitos etc., são resgatadas no imaginário coletivo do grupo de forma a fornecer elementos para a leitura do presente. (p18).

### Identidade Negra

Ao ler escritos referentes à identidade foi possível perceber as complexidades que permeiam o tema e o quanto ele pode ser controverso. Para compreender o termo é preciso mesmo levar em consideração as complexidades que permeiam o assunto e ter atenção na hora de aplicá-lo com melhor consistência.

De acordo com a antropóloga Novaes (1993, p. 24), identidade se refere a uma igualdade de características que pode ser identificado nos grupos sociais que vão sendo construídos. Esta mesma realidade leva o indivíduo a ter condições de reclamar seu espaço social e político em situações de confronto.

A identidade está ligada diretamente ao modo do indivíduo de se portar no mundo, na construção das relações, em suas referências culturais e pessoais, na maneira como seu corpo e suas atitudes expressam seus princípios e quais as referências que marcam sua condição humana.

A importância da construção e aceitação da identidade esta ligada muito expressivamente ao grupo em especial que a pessoa vem a se identificar e quais as necessidades e lutas que mapeiam a história social, econômica e política dele. Este processo é evidenciado quando nos referimos a grupos de negros e/ou mulheres por exemplo.

Gomes afirma que “a ênfase na identidade resulta, também na ênfase da diferença.” (2015, p.41) Os grupos sociais que tendem a ser segregado, socialmente marginalizado, considerado inferior e com tendência a invisibilidade se identificam e a partir daí eles entram em um processo de organização para minimização das diferenças internas no próprio grupo.

Neste sentido, o presente trabalho envolve mexer com as semelhanças e

disparidades, envolvendo diretamente a cultura fazendo assim o resgate da autonomia e empoderamento.

D'Adesky (2001, p.76) destaca que nenhuma identidade é construída no isolamento, a mesma vai se formando durante a vida através dos diálogos, das experiências pessoais, individuais e em grupo.

Igual a qualquer outro processo de construção de identidade, a identidade negra também se constrói progressivamente, uma vez que, trata-se de uma movimentação que “envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos”.

Estabelecendo uma influência direta nas relações e nos grupos sociais que o indivíduo participa, geralmente o processo de construção identitária se inicia na família e no decorrer da vida vai se desdobrando em outras relações sociais estabelecidas.

É importante quando se fala de identidade negra no Brasil compreender não só suas dimensões subjetivas e simbólicas, mas principalmente seu sentido político que se refere a questões de exclusão de participação social do negro como decorrência de uma dívida histórica criada por uma sociedade escravocrata, racista e xenofóbica.

Pois, enquanto os pensadores da chamada direita acusam as populações negras/os de se colocarem enquanto vítimas, criando falsos problemas ao falar de identidade numa sociedade majoritária e culturalmente mestiça, os de esquerda os acusam de fazer uma divisão na luta de todos os oprimidos de maneira geral, eles afirmam que numa sociedade capitalista a identidade deve ser a mesma para todo e qualquer oprimido. No entanto, em Cuba que é comunista, por exemplo, os negros e as negras pós-revolução, continuaram de fora do poder e dos altos cargos, permanecendo na pobreza.

Mesmo com todas as disparidades que permeiam os pensadores de direita e de esquerda, neste discurso é possível identificar alguma semelhança no sentido de que os dois colocam a questão da construção da identidade negra como ineficiente e desnecessária, tirando do segmento étnico-racial a importância histórica da luta contra o racismo eminente na nossa sociedade.

No Brasil o racismo se apresenta de uma forma muito singular, se afirmando através da negação tanto dos que sofrem quanto dos que praticam aí se faz ainda mais importante o processo de construção da identidade negra como instrumento emancipatório e libertador.

## **Percursos metodológicos**

Para melhor atendimento de nossas indagações e atingir o principal objetivo dessa pesquisa que se norteia em compreender o processo educativo do movimento social Encrespa Geral para afirmação da identidade negra, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo com abordagem autobiográfica.

Considerada por Josso (1999) como uma “guinada epistemológica”, a pesquisa qualitativa com abordagem autobiográfica é interpretada como uma forma de pesquisa que parte do princípio do desligamento de “análises fundamentadas nos grandes números para análises baseadas na singularidade de uma vida ou da vida de um grupo” (JOSSO, 1999).

Ainda sobre pesquisa qualitativa, de acordo com Ludke e André (1986, p. 34), podemos defini-la “como a descrição e a explicação dos fatos observados, no qual o pesquisador observa e interpreta os dados com base em sua percepção de mundo”. Faz-se necessário ter atenção a qualquer detalhe que possa manifestar significativamente detalhes do fenômeno em questão.

Tivemos como instrumentos para a coleta de dados a escrita autobiográfica com oito mulheres negras integrantes do movimento social Encrespa Geral no Estado de Pernambuco.

Nas questões relacionadas à autobiografia como estratégia teórico-metodológica Silva (2011) pondera que:

O trabalho com autobiografia surge para nós como chave para compreender os tempos, os lugares, os pertencimentos, os saberes científicos e experiências, os sentimentos, as intencionalidades das pessoas e instituições implicadas nas mudanças ocorridas em sociedade (SILVA, 2011, p.9).

De maneira subjetiva a autobiografia se encaixa perfeitamente na metodologia desta pesquisa, pois através dela é possível compreender melhor questões pessoais que envolvem os indivíduos.

O processo de coleta de dados foi feito através da mediação de escritas autobiográficas das participantes se utilizando de narrativas que pudessem revelar suas experiências no Encrespa Geral que respondessem as questões dessa pesquisa. Foi pedido que as mulheres escrevessem respondendo as seguintes perguntas: Como se deu

sua história de vida na perspectiva do que te levou a assumir seu cabelo crespo/cacheado? Qual o papel desenvolvido pelo Encrespa Geral nessa sua tomada de decisão? O que você aprendeu com o Encrespa Geral?

É válido ressaltar que durante a análise as narrativas autobiográficas foram identificadas por nomes fictícios na intenção de preservação da identidade das mulheres, uma vez que entendemos que esse modelo de pesquisa adentra em sua subjetividade.

Na organização e análise de dados adotamos a análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (2001). Na técnica de análise temática Bardin afirma que “a análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens”.

Gil (2009) afirma que a análise de conteúdo, entre outros propósitos, serve para “revelar atitudes, interesses, crenças e valores dos grupos”. O nosso objetivo será fazer uma análise através das narrativas das integrantes do Encrespa Geral.

Assim podemos observar o valor da análise de conteúdo para esta pesquisa nos vários espaços. A história individual e de vida faz toda a diferença na hora de categorizar e analisar os dados à luz da literatura já mencionada e também para responder as inquietações da pesquisa.

### **O Encrespa Geral e a afirmação das mulheres negras.**

Buscando respostas para compreender o processo educativo do movimento social Encrespa Geral para afirmação da identidade de mulheres negras foram coletados dados que revelam como se deu esse processo. Para a apresentação da análise e interpretação desses dados são destacadas, abaixo, as histórias de vida marcadas pela imposição de um cabelo que fosse “aceito” socialmente, em seguida, o processo educativo do movimento social Encrespa Geral e, finalmente, como este movimento faz uso do cabelo como símbolo identitário.

#### Histórias marcadas pelo cabelo

Tratar da manutenção de um cabelo alisado é tratar de todo um passado e um presente de exclusão e segregação por questões étnico-raciais, os quais implicam que aceitemos inconscientemente e conscientemente - uma vez que o racismo em nosso país

é algo que interfere diretamente no processo de aceitação das meninas e na aceitação do outro - um modelo de padronização estética.

Desde pequenas as mulheres negras com seus cabelos crespos são inseridas em um padrão de beleza que acarreta em um desconhecimento acerca de seu cabelo e de si mesma.

Turbante, uma das integrantes do Encrespa Geral, narra esse processo:

Eu nem sabia como era meu cabelo. Eu não tinha a menor ideia. Eu achava que ele era até mais difícil, mais crespo do que ele realmente é. Mas aí desde pequenininha, minha mãe, minhas irmãs, aí eu aprendi assim e achava que quanto mais liso melhor. Quando tava um pouquinho a raiz querendo ficar alta eu já tinha que ir, que eu achava que ele não tinha jeito, que era muito seco, muito isso, muito aquilo. (TRECHO DA NARRATIVA DE TURBANTE, 2016).

Esse desconhecimento de seu cabelo, vai se repetir no discurso de Tranças (2016) “eu não conhecia a textura do meu cabelo”. Mostrando um desconhecimento sobre si, essa manutenção de um cabelo alisado, como meio para se enquadrar em um determinado grupo, vai interferir diretamente na aceitação pessoal dessas mulheres negras.

Eu alisava o cabelo desde criança, por que na escola as coleguinhas riam muito de mim e ficava falando do meu cabelo, botando apelidinho, até as que tinham o cabelo cacheado e crespo também. E quando eu ia com ele alisado, na chapinha, ficavam elogiando dizendo que tava mais bonito assim, que estava lindo. Então eu não me aceitava. (TRECHO DA NARRATIVA DE DREAD, 2016).

Algumas integrantes relataram que em algum momento da vida, enquanto fazia processos químicos para alisar o cabelo também sofreram com queda dos fios ou doenças relacionadas à pele. Foi o caso de Ondulada que relata as doenças que o uso contínuo de produtos químicos causou em longo prazo:

(...) o meu cabelo sempre foi fino, fraco e cada vez eu dava a química, ele partia. Aí eu nunca tive cabelo grande, meu cabelo nunca passou do queixo. Do queixo ele nunca passou. Toda vida foi sempre curto e ralinho e não tinha força pra crescer por que quando ele pensava em crescer ele partia. Já tive até alopecia também por conta de muita química, (...) aí eu vi que eu tinha como ter o cabelo, o cabelo que eu sempre quis meu cabelo natural e tratado aí foi quando eu comecei a fazer os tratamentos e decidi passar pela transição. (TRECHO DA NARRATIVA DE ONDULADA, 2016).

Pitó também fala sobre os problemas que teve para tentar manter o cabelo liso:

(...) aí eu passei dos nove aos vinte e um anos alisando o cabelo, só que aí aos vinte e um eu tive um processo alérgico muito sério viu? Dos produtos químicos que eu usei a vida toda e meu cabelo começou a cair e formava bolhas de pus no meu coro cabeludo por causa do amoníaco e da guanidina, aí eu tive que parar de dar química no meu cabelo. (TRECHO DA NARRATIVA DE PITÓ, 2016).

A saúde das entrevistadas foi comprometida em vários casos, hoje, no entanto, após participar do processo educativo do Encrespa Geral, além dos vários conhecimentos construídos acerca das relações raciais baseadas em desigualdades históricas, silenciamento, exclusão do grupo negro da população na sociedade brasileira, as entrevistadas apreenderam também, formas de cuidar da saúde do corpo e do cabelo negro, fazendo uso de adereços, flores, turbantes, produtos naturais, livres de químicas.

Essa preocupação com a saúde é constante, uma vez que, afirmam nada usar sem antes, buscar ler e compreender as fórmulas dos produtos a ser aplicado no corpo e no cabelo de modo a garantir não mais passar por processos de aquisição de doenças, queimaduras, quedas e participação dos cabelos, o que ocorria com os processos de alisamento.

### O processo educativo do Encrespa Geral

O Encrespa Geral é um movimento social que surgiu a partir da inquietação de um grupo que se materializou no *Facebook* por meio de comunidades e páginas públicas com o título de “amigas cacheadas”. Inicialmente se preocupavam com a divulgação de inspirações e melhores formas de cuidar do cabelo crespo/cacheado sem qualquer utilização de química nas redes sociais.

Com o enriquecimento e maturidade do trabalho, surgiu à necessidade de levar a ideia para além das telas do computador e fazer o projeto se estender as ruas. Assim nasceu o projeto “amigas cacheadas na estrada”, que no início realizava encontros em São Paulo e no Rio de Janeiro apenas, por não ter mais recursos para viabilizar os trabalhos em outras cidades.

Em novembro de 2013 surgiu a ideia de expandir o projeto convidando líderes de grupos para cuidados capilares do *Facebook*, blogueiras, ativistas sociais que pudessem coordenar os encontros em outras cidades do resto do Brasil, seguindo a mesma programação de atividades.

Para tanto, outras pessoas foram agregadas ao projeto após o início da

divulgação dos encontros fazendo um total de 15 cidades participantes. Nasceu assim o Encrespa Geral em sua primeira edição.

Em março de 2014, na segunda edição do movimento foram incluídas as palestras de conscientização para promover inspiração e valorização do uso do cabelo natural (crespo, cacheado, ondulado) como forma de autoconhecimento e reencontro das raízes sem qualquer relação com idade, cor de pele, etnia ou tipo de textura capilar.

Além das palestras de conscientização há também exposição de trabalhos artesanais dos participantes. Também foi criado um comitê para discussão das pautas do trabalho fazendo com que o projeto assumisse o perfil de ação social com objetivos maiores além da criação de laços de amizade e dicas de cuidados estéticos.

Progressivamente, além de inspiração, o movimento assumiu um papel de formador, trabalhando em cima da questão da autoestima, debatendo sobre questões raciais, o preconceito e as dificuldades que envolvem o uso do cabelo natural.

Atua por meio de encontros compostos por algumas ações de cunho educativo, como palestras com um tema definido pelo comitê do projeto a cada rodada. Todos os encontros de âmbito nacional e internacional trabalham a mesma temática. Também acontece a partilha de depoimentos com relatos da sua história na perspectiva do uso do cabelo sem química e oficinas, geralmente de turbantes, traças, flores ou qualquer outro tipo de atividade similar. Outra atividade é a exposição de trabalhos afroempreendedores para participantes que queiram divulgar e comercializar seu trabalho.

O Encrespa Geral tem como slogan “Encrespa Geral: Não é só por cabelo” considerando o ato estético também como político e alegando que a sua imagem estética representa o que você defende.

Dentre os objetivos, os organizadores afirmam que não tem nenhuma intenção de impor qualquer tipo de estilo, mas sim fornecer inspiração e informações para os interessados para que cientes possam fazer suas escolhas através de cuidados estéticos para também inspiração e conscientização social e étnico-racial para o uso do cabelo natural, valorização da autoestima bem como debates sobre questões relacionadas ao racismo e as dificuldades diárias que envolvem o uso do cabelo crespo/cacheado.

O Encrespa Geral, na medida em que foi crescendo foi também criando um caráter educativo e passou a discutir questões raciais, sociais e identitárias. Começou a entender o cabelo como símbolo de resistência negra e também como ferramenta eficaz para ajudar na construção da identidade das mulheres.

O Encrespa é de cunho social por que ele trata de ensinar as mulheres, as crianças e as senhoras, o valor. Ele trata de disseminar uma ideologia. Aquela ideologia da mulher negra, do empoderamento feminino, do empoderamento negro. Ensina a lidar com preconceitos. Já vi no Encrespa mulheres, mães, tirando dúvidas de como deveriam agir para ensinar as filhas a gostarem do cabelo crespo. O Encrespa é dotado de uma - como é que eu posso dizer? - de uma simplicidade, de ensinar como uma mulher deve se portar, o porquê ela deve assumir sua identidade, porque ela deve respeitar a cultura, porque ela não deve se sentir inferior. Então o Encrespa, ele consegue atingir uma gama muito ampla de áreas na sua vida, ele consegue ensinar você como se comportar em diversas situações, como cuidar do seu cabelo, como cuidar do cabelo da tua filha. Enfim, o Encrespa é um encontro completo, por que além de sustentar a ideia, além de fomentar a ideia da mulher negra, da liberdade, da liberdade da química capilar ele ainda ensina como se comportar socialmente (TRECHO DA NARRATIVA DE BANDANA, 2016).

Na fala de Bandana foi possível perceber a maneira como o Encrespa Geral se apresenta para os participantes de forma inovadora. Propõe não apenas a ajudar nos cuidados estéticos, mas também evidencia a importância da conscientização e inspiração para o uso do cabelo natural valorizando debates sobre questões de preconceito e as dificuldades que envolvem o uso do cabelo natural cotidianamente.

O Encrespa ele ensina a nós mulheres, nos empoderar né? Saber o nosso lugar. Ter o nosso lugar na sociedade. A nos aceitar como somos, a nos amar, achar nosso cabelo bonito, entendeu? A nos ver como somos e que somos bonitas, independente dos padrões que a sociedade impõe. Sei lá, muita coisa. Eu acho o projeto muito legal (TRECHO DA NARRATIVA DE ONDULADA, 2016).

Ondulada mostra em sua fala as diferentes vertentes que são acometidas pelo movimento e como ele vem servindo de paradigma para sua mudança, não apenas estética, mas também identitária. Reconsidera as bases históricas reais do que vem a ser beleza e reconfigura um padrão inconsciente ou conscientemente imposto.

Falamos anteriormente que o que educa nos movimentos sociais são suas práticas culturais. Delari Jr. (2000) considera isto quando diz que a educação pode ser “tratada essencialmente como relação social mediada pela linguagem”, linguagem que está plenamente inserida, no falar, agir, vestir, etc.

Um fenômeno interessante e pelo qual muitas passaram foi o *Big Chop*<sup>2</sup>.

Faz 3 anos que eu fiz o BC, cortei total curtinho pra tirar tudo. Aí pronto, até agora ele ta... Ele ta no cabelo, no tamanho que ele era antes, abaixo do ombro, mas não se percebe por que é encolhido

---

<sup>2</sup> O *Big Chop* ou “BC” é uma expressão em inglês que significa “grande corte”. É o ato de retirar, de uma só vez, a química colocada no cabelo.

(TRECHO DA NARRATIVA DE TURBANTE, 2016).

Mesmo com o medo, assim, de ficar com aquela cara redonda e tal. Ai eu fui e cortei bem curtinho mesmo. Tirei todo cabelo que estava com química e deixei só os cachinhos que estavam crescendo (TRECHO DA NARRATIVA DE CRESPA, 2016).

É uma tomada de decisão muito simbólica, a retirada da química por completo e o reconhecimento imediato de uma nova mulher. Mesmo com medo dos julgamentos, dos olhares, da família, dos amigos, da sociedade.

Esse processo de mudanças é considerado pelas entrevistadas como irreversível, pois, essa *nova mulher*, com seu *cabelo não falso, mas, verdadeiro*, se reconhece como bela, livre da hegemonia do cabelo liso e loiro, se amando, se empoderando, conforme depoimentos.

#### O cabelo como símbolo identitário

A partir das narrativas, algo que ficou evidenciado foi o fato do cabelo das mulheres entrevistadas ter sido o primeiro passo para aceitação de sua identidade negra. Na fala de Turbante isso pode ser observado de forma mais clara “Na realidade eu acho que eu nem terminei de me aceitar ainda, nem me acostumei ainda, *tô* no processo, mas pra química eu não quero voltar mais” (TRECHO DA NARRATIVA DE TURBANTE, 2016).

Nesse sentido a entrada para o Movimento Social Encrespa Geral auxilia nesse processo de tomada de consciência, no sentido de não apenas alterar a estética, mas a forma de se enxergar.

Cacheada ainda nos traz que:

Existe uma outra forma de enxergar a beleza e a sua estética, que você não precisa se encaixar em padrões que a sociedade impõe. E aí pra mim isso foi muito importante nesse movimento, eu poder encontrar outras pessoas que tinham o pensamento semelhante ao meu e de poder dar esse empoderamento pro meu filho, pra que ele se sinta fortalecido, apoiado e representado por pessoas que também respeitam admiram, cultivam e que mostram que o mundo não é só uma regra em que todos têm que ser igual e estar ali naquele modelinho que a sociedade impõe (TRECHO DA NARRATIVA DE CACHEADA, 2016).

Tranças alerta sobre o fato de o preconceito não estar ligado apenas à diferença estética, mas o racismo presente nos discursos.

Eu comecei a entender mais, eu comecei a entender que o problema não é só o cabelo realmente, o problema é a aceitação das pessoas, é o preconceito das pessoas ao redor, é o preconceito das pessoas mesmo sem elas vê que tem. Como uma amiga minha de anos, olhou pra mim e disse: “mas rapaz, tu vai deixar teu cabelo assim é? Grande, duro, pra cima” (TRECHO DA NARRATIVA DE TRANÇAS, 2016).

Mesmo passando por uma rejeição a partir de amigas e de sua mãe devido à estética do seu cabelo, Tranças reconhece que o processo de aceitação do cabelo acarreta numa outra visão de si mesma, uma visão mais positiva, reconhecendo também a contribuição do Encrespa Geral nesse novo olhar.

Eu tirei um pouco da vergonha por que eu acho bonito turbante, mas eu não usava, tinha vergonha de usar sabe? Eu tinha vergonha assim, da minha pele, eu não usava uma roupa amarela, roupa vermelha por que eu achava que não combinava com a minha cor, mas eu vi que não é assim. Assim ele, ele (O Encrespa Geral) lhe dá um pouco mais de autoconfiança. (TRECHO DA NARRATIVA DE TRANÇAS, 2016).

Bandana vem reforçar esse posicionamento:

Quando você fala de cabelo, você não fala apenas de estética. Você fala de uma vida, você fala de uma cultura, você fala de uma tradição, você fala de uma voz de um povo, e quando você fala disso você fala de preconceito, você fala de agressão (TRECHO DA NARRATIVA DE BANDANA, 2016).

Em suma, o que pôde ser visto é que não se trata apenas de uma transformação estética, mas de outra visão acerca de si, além de estar presente em todos os relatos a quebra de paradigmas existente, bem como a presença essencial do Movimento Social Encrespa Geral em todo esse percurso.

O Encrespa é um evento muito bom por que ele ensina a cultura do..da valorização do seu cabelo crespo como ele é, que você não deve se ditar pela ditadura dos cachos perfeitos, feitos pelos permanentes afros, pelos banha Zezé da vida.. O Encrespa ensina que você deve amar seu cabelo com a fibra que ele tem, com o tipo de cacho que ele tem e como ele é, independente se ele vai se acostumar ou não (TRECHO DA NARRATIVA DE PITÓ, 2016).

Nas narrativas percebemos que o contato das mulheres com o Encrespa Geral foi importante também para um reconhecimento da sua própria história e da sua importância como mulher, negra, mãe, esposa, filha e participante ativa de uma sociedade que tenta minimizar sua relevância histórica, social, política e cultural.

O entendimento do que vem a ser estética negra e da sua importância - Neste caso, do cabelo crespo\cacheado - ajuda diretamente o indivíduo na construção de sua

identidade enquanto sujeito social estabelecendo um sentido de pertencimento em um grupo social de referência.

Eu aprendi assim a autoestima né? A gente se amar. Ver as meninas cada uma com seu cabelo diferente, uns *blacks* outros não, uns mais crespos outros menos, um maior e outro menor e o bonito é esse. Eu aprendi que as diferenças é que é o bonito. Aí tem levantado a autoestima de muita gente, assim, uma ensina a outra como lidar, como se adaptar. Aí eu acho interessante (TRECHO DA NARRATIVA DE TURBANTE, 2016).

Quando você fala de cabelo, você não fala apenas de estética. Você fala de uma vida, você fala de uma cultura, você fala de uma tradição, você fala de uma voz de um povo, e quando você fala disso você fala de preconceito, você fala de agressão, então é basicamente isso (TRECHO DA NARRATIVA DE BANDANA, 2016).

As narrativas acima conseguem expressar o quanto a mulher negra vem sofrendo com o processo de exclusão da sua raça e também quanto é dolorido o processo de readaptação – Leia-se se colocar nos padrões de corpo e cabelo, estético como um todo – para assim poder ser finalmente aceita.

O uso do cabelo crespo/cacheado é uma representação estampada no corpo de orgulho antes escondido, minimizado, mas não esquecido.

As mulheres envolvidas nesse processo passam a se conhecer, reconhecer, se respeitar e amar o que vê no espelho, isto é o que exemplifica a identidade construída por meio das diferenças e através delas.

## **Conclusões**

O propósito desse trabalho foi compreender e analisar o processo educativo do movimento social Encrespa Geral bem como sua influência na construção da identidade dos participantes.

Foi muito importante para o caráter autobiográfico desta pesquisa, ouvir as histórias de superação, aceitação e empoderamento das participantes. Colocando as mulheres em questão no centro da história.

As mulheres que participam dos encontros geralmente se sentem mais encorajadas e convictas para tomar e permanecer na decisão de usar o cabelo natural. Passam por cima da opinião dos amigos próximos e familiares para manter com firmeza a decisão de usar o cabelo crespo/cacheado muitas vezes contraproducente.

É possível perceber que a autoestima de muitas provém do que é visto, ouvido, lido nos encontros e que todas dispõem de uma consciência identitária, pois começam a

se perceber como mulheres negras e belas em sua singularidade.

Tanto na teoria quanto na prática ficou evidente que o cabelo é uma ferramenta eficiente na construção da identidade e na percepção do “ser negro” nesta sociedade. Tudo isto corroborando com as ações educativas que são feitas nos encontros e também através de contatos on-line. Em alguns relatos percebeu-se que muitas começaram a ter consciência da necessidade da leitura e de construir um posicionamento crítico com relação à educação das relações étnico - raciais.

Para compreender o peso do cabelo no processo de construção da identidade das participantes foi preciso deixar que elas falassem de si, contassem sua história, suas experiências, expectativas e decepções, o que foi fundamental e essencial para a mudança ou mesmo se houve mudança, externa e internamente.

Não há como negar que após ouvir os relatos foi possível perceber o quanto o ambiente do Encrespa Geral, seu caráter pedagógico e as relações construídas nos encontros foram e ainda são essenciais para auxiliar todas as envolvidas nesta caminhada.

O contato com pessoas que estão vivenciando situações parecidas revela valores culturais que são adquiridos por meio da socialização sobre ser quem é e ser o que quiser ser.

Os depoimentos mostram a complexidade que envolve o processo de pertencimento étnico racial e os desafios de construir uma autoimagem positiva quando se é negro e tem essa marca impressa para além da cor da pele em uma sociedade que tenta excluir, minimizar e escravizar diariamente com palavras, olhares e atitudes.

O Encrespa Geral, portanto, demonstra através do olhar das entrevistadas, ter e manter uma prática educativa, cujo currículo aponta para uma seleção de conhecimentos a serem ensinados de forma a garantir aprendizagens ligadas ao *cuidado do corpo e cabelo negro*, lições acerca da *história e da cultura dos africanos e afrodescendentes*, práticas individuais e coletivas de combate ao racismo, aos preconceitos e às discriminações de várias ordens, e a construção e o fortalecimento de um pertencimento identitário ao grupo negro da população brasileira, o que se configura numa Pedagogia do Empoderamento Negro desenvolvida e difundida no movimento social Encrespa Geral.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Edições 70. Lisboa: 2004.
- D'ADESKY, Jacques. **Racismo e antirracismo no Brasil**. Pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DELARI JR., A. **Consciência e linguagem em Vigotski**: aproximações ao debate sobre subjetividade. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005,
- GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)>. Acesso em: 25 de Out. de 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre raciais do Brasil**: Uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 21 de Out. de 2015.
- \_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. **História de vida e projeto**: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. Educação e Pesquisa. v. 25 n.2. São Paulo jul./dez. 1999.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986;
- NOVAES, Sílvia Caiuby. **Jogo de espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- SILVA, Auxiliadora Maria Martins. **Sociogênese do conceito de etnia negra na educação brasileira**. Recife: O autor, 2011.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.